

Edição de Esportes

jornal da tarde

SUPLEMENTO DO JORNAL DA TARDE/SÃO PAULO, QUINTA-FEIRA, 26 DE FEVEREIRO DE 1987/ NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE.

Grande decisão. São Paulo, grande campeão!

Nos 15 anos de história do Campeonato Brasileiro, nunca houve uma decisão tão emocionante, tão bonita e tão cheia de alternativas. Depois de 3 a 3 nos 120 minutos, deu São Paulo (4 a 3) nos pênaltis.



Careca: campeão com um gol sensacional e um pênalti errado.

Na história, mais um título paulista.

Agora empatamos com os cariocas, cinco conquistas cada um. Os gaúchos ficaram para trás, com quatro. Depois, mineiros e paranaenses: um título brasileiro cada um.

O São Paulo é campeão. Ufa! Finalmente um clube paulista novamente sobe ao pódio dos vencedores na conquista de mais uma Copa Brasil. Foram oito longos anos de total abstinência, com cariocas e gaúchos, de 79 a 84, e paranaense, em 85, ferozmente no privilégio de aciar os deuses do futebol em sucessivas conquistas do título mais cobiçado do País. Agora a taça é nossa mais uma vez, e o gesto de Careca, erguendo-a como campeão brasileiro de 86, ontem, em Campinas, deve ser comemorado o ano inteiro.

A saudade de ver um time paulista campeão brasileiro permaneceu por oito anos no coração dos torcedores. A última vez que o título veio para o Estado foi em 1978, quando o deslumbrante Guarani dos jovens Careca, Zenon e Renato, demoliu o combali-

do Palmeiras, de Ivo, Toninho Vanuzza, Beto Fuscão, nas finais do campeonato brasileiro daquele ano. Foram duas incontestáveis vitórias: 1 a 0 no Morumbi, gol de Zenon de pênalti, e novamente 1 a 0 em Campinas, gol de quem? Claro, do menino Careca, revelação aos 17 anos.

A conquista do Guarani mostrava ao País a força do futebol do Interior de São Paulo. Naquela época, vivíamos à triste sombra de campeões morais da Copa da Argentina, em 78.

Antes dessa esperança chamada Guarani, o futebol paulista viveu também uma memorável conquista da Taça de Ouro — era esse o nome do campeonato brasileiro em 1977 — através do São Paulo, que, com uma campanha inferior à do outro finalista, Atlético Mineiro, chegou ao título derrotan-

do a equipe mineira em pleno Mineirão na cobrança de pênaltis.

O São Paulo dirigido por Rubens Minelli era um time truculento, com os grandalhões Getúlio, Antenor, Chicão e Teodoro, ao contrário de leveza e habilidade dos Atleticanos Toninho Cerezo, Angelo, Marcelo e Paulo Isidoro. Adepto do futebol força, o time de Minelli saiu de Minas campeão com uma vitória na cobrança de pênaltis por 3 a 2 sobre o então favorito destacado.

Mas o domínio dos paulistas como a grande força do futebol brasileiro teve início mais cedo, em 1972, um ano depois que a antiga CBD instituiu o campeonato brasileiro de clubes — conquistado pela primeira vez pelo Atlético Mineiro sob o comando de Telê Santana.

Em 1972 surgiu o inesquecível Palmei-

ras de Leão, Eurico, Luís Pereira, Alfredo e Zeca; Dudu e Ademir da Guia; Edu (Ronaldo), Leivinha, Madurga e Nei. Uma escalção que até os torcedores dos outros clubes sabiam de cor. Foi o Palmeiras campeão brasileiro de 72, após empatar em 0 a 0 com o Botafogo, numa tarde chuvosa, no Morumbi. Em 1973, novamente o Palmeiras chegava ao título depois de um empate também por 0 a 0 com o São Paulo, no Morumbi. Neste ano, o time sob o comando de Osvaldo Brandão era o mesmo de 72, apenas com entrada do centroavante César, que não disputou o campeonato de 72 por estar suspenso.

Essas quatro conquistas: 72 e 73 com Palmeiras; 77 com o São Paulo; e 78 com o Guarani, somadas aos vices-campeonatos do São Paulo em 81 e do Santos em 83 fazem

parte da galeria de títulos que o futebol paulista vem construindo desde 1950, quando foi disputado o primeiro Torneio Rio-São Paulo embrião do campeonato brasileiro que seria criado em 1971.

Na história década de 50, o domínio foi total dos clubes de São Paulo: em 9 torneios Rio-São Paulo, 7 foram conquistados pelos paulistas. Na década de 60, os títulos foram alternados ficando 6 para os paulistas e quatro para os cariocas. Mas a partir de 1971 com clubes do Norte, Minas, Sul, Rio e São Paulo, a hegemonia paulista perdeu a gala ficando com 5 títulos contra 5 do Rio; 4 do Rio Grande do Sul; 1 de Minas e 1 também do Paraná.

Só que, hoje, a festa é, mais uma vez, nossa: São Paulo campeão! Guarani vice!

Luiz Antonio Prósperi

ORQUESTRA TRICOLOR EXECUTOU O GUARANI



Homenagem a um time que joga por música.



O time campeão brasileiro de 77 (no alto), o esquadrão de 46 (à esquerda) e a festa do bicampeonato paulista de 70 e 71 (à direita). Três grandes momentos que ficaram gravados na memória do futebol brasileiro. Houve muitas outras glórias, mas a maior ainda está por vir: o Mundial.



O time do histórico título brasileiro de 78, ainda com Careca (ao alto) registrou o maior feito da história desse clube, que nasceu para representar a elite de Campinas, que não suportava a idéia de acompanhar jogos da Ponte Preta, um time de raízes populares. Em 1943 e 1923, acima, alguns momentos de glória.

O São Paulo quer o mundo

Ele vai tentar dar o maior salto de sua história, mais preparado do que nunca, com uma confiança que não tinha nas outras três vezes que disputou a Taça Libertadores da América. Conheça a história desse time que, em 1930, nasceu pobre.

O São Paulo se prepara para o maior salto de sua história: tentar o título mundial. E talvez, agora, como nunca antes, nas outras três vezes em que disputou a Taça Libertadores, ele se sente preparado para atingir o grande momento da sua vida.

Um grande time, um patrimônio invejável, um clube em expansão, uma torcida que cresce, o São Paulo de hoje está fazendo justiça aos homens que o idealizaram.

Não fosse a paixão e esse clube que tem o nome da cidade, as cores de sua bandeira e a fibra da sua gente, não estaria agora nesta privilegiada situação de um dos maiores clubes de futebol do mundo. O começo foi muito difícil. Mas o orgulho de fundar um clube sem a influência das colônias estrangeiras e o amor pelo futebol não permitiram que a chama se extinguísse.

E como a luz de uma vela, o São Paulo tornou-se fraco, chegou até a sumir, para voltar timidamente, a princípio. E com o tempo, alimentado pelo combustível da fé, cresceu tanto que hoje resiste a qualquer tempestade.

A origem é pobre, mas a pobreza desse clube sustentado por um tenente do Exército, um padre, estudantes e advogados, era tão grande que nem a sua data de nascimento se sabe direito, gerando sempre muita polêmica. No dia 27 de janeiro de 1930 o clube foi fundado sob a presidência de João de Oliveira Barros, levado ao cargo por vinte e oito ilustres conselheiros do Paulistano e do Palmeiras (que nada tem com o Palmeiras atual).

E, em campo, o São Paulo atendeu ao entusiasmo dos seus fundadores, conquistando logo grandes vitórias. Mantendo a base do Paulistano — então o time mais forte do futebol paulista — o São Paulo chegou ao vice-campeonato de 1930, no seu primeiro ano. Na temporada seguinte, no entanto, jogando sempre com o time base — formado por Joãozinho, Clodó e Barão; Bino, Milton e Fâcio; Luizinho, Armandinho, Friedenreich, Araken e Junqueira — ganhou o título do campeonato paulista.

Apesar do grande time, o São Paulo da Floresta foi à falência, e houve um êxodo dos seus melhores jogadores para o futebol carioca, Argentina e Uruguai. A vida era difícil, mas os tóstoes reunidos nas coletas não deixavam a chama desaparecer.

O São Paulo se reergueu em dezembro de 35 — o que para a diretoria atual, por exemplo, passa a ser a história oficial do clube. Foi novamente um começo difícil. O dinheiro não aparecia. O time, para treinar, se dirigia à Várzea do Carmo ocupando o primeiro campo que encontrasse, até ser enxotado pelos proprietários.

Nos anos quarenta, no entanto, veio a fase mais brilhante da sua história — que só pode ser supera-

da agora, nos anos oitenta, se chegar ao título mundial. A fase de ascensão, em 40, começou com uma grande vitória, por 4 a 0, em cima do poderoso Vasco da Gama, no campo do Canindé, o novo local da sede do clube. Um jogo histórico, porque representou a primeira partida noturna de futebol disputada na América do Sul.

Um bom exemplo da empolgação que cercou o São Paulo na década de quarenta está na estréia de Leônidas. Nenhum outro jogador do futebol paulista viveu um momento tão apoteótico como aquele do dia 24 de maio de 1942, um belo domingo de sol no Pacaembu.

Nas arquibancadas, um recorde: 72.078 pagantes — um número que demorou mais de trinta anos para ser superado. Leônidas não fez nenhum gol, mas não desiludiu o mito, o fascínio que os torcedores paulistas tinham pelos grandes nomes do futebol carioca. São Paulo e Corinthians empataram em 3 a 3. O jogo todo, uma guerra entre o grande ataque tricolor — Luizinho, Valdemar de Brito, Leônidas, Teixeira e Pardal — contra a rígida defesa corinthiana — Joel, Agostinho e Chico Preto; Jango, Brandão e Dino.

O ataque do São Paulo, que no início da década de quarenta já surgia arrasador, ficou ainda mais forte com a inclusão de Sastre, um argentino que acabou sendo um dos grandes jogadores da sua história. King, Piolim e Virgílio; Bauer, Rui e Noronha; Luisinho, Sastre, Leônidas, Remo e Teixeira — não há são paulino da velha guarda que possa esquecer esse time, principalmente a linha média e o ataque. O São Paulo ganhou cinco títulos paulistas — em 43, 45, 46, 48 e 49. O tricampeonato não veio duas vezes, em 47 e 50, graças ao Palmeiras.

Na década de cinquenta, nos três primeiros campeonatos, dois vezes (em 50 e 52) e um modesto quarto lugar em 51. No início de 53 os torcedores estavam revoltados com a possibilidade de um tricampeonato corinthiano quando a diretoria promoveu uma grande reformulação na equipe. Os veteranos foram afastados, e vieram Gino e Raulfo, depois Dino Sani, Pé de Valsa e Maurinho; e para o lugar do técnico Vicente Feola, Jim Lopes. Assim, o São Paulo voltou a ser campeão com uma campanha memorável: 28 jogos, 24 vitórias, 2 empates e apenas 2 derrotas — depois de uma série invicta de 19 partidas. Na final, vitória contra o Corinthians por 3 a 0, e a consagração de um time que tinha Poy; De Sordi e Mauro; Pé de Valsa, Bauer e Alfredo Ramos; Maurinho, Albella, Gino, Negri e Teixeira.

Outro título veio em 57. O São Paulo fez apenas duas contratações: o técnico Bela Gutman, que encantou o mundo com a equipe húngara do Honved, de Puskas e Kuballa; e um dos maiores jogado-

res da história do futebol brasileiro, Zizinho, o mestre Ziza, então no Bangu. A decisão, contra o Corinthians, foi uma das mais belas da história do clube: 3 a 1. E um time que ficaria também inesquecível, com Poy; De Sordi e Mauro; Sarará, Vítor e Riberto; Maurinho, Amauri, Gino, Zizinho e Canhoto.

Nos anos sessenta o São Paulo passou a se dedicar quase que inteiramente à construção do Morumbi. Uma luta difícil, longa, que começou em 1950, quando Luís Aranha, Breno Caramuru e o próprio Cícero Pompeu de Toledo, desesperados por não conseguirem um terreno no chão alagado do Ibirapuera, passaram a ter esperanças no barro vermelho do bairro do Morumbi. O dinheiro ainda era curto e o clube teve que vender o Canindé por 12 milhões de cruzeiros a um intermediário, que depois revendeu o estádio à Portuguesa. O Morumbi, ainda inacabado, foi inaugurado em 2 de outubro de 60, contra o Sporting de Lisboa: 1 a 0 para o São Paulo, gol do ponta-direita Peixinho. O time da época: Poy; Ademar e Gildésio; Fernando Sátiro, Vítor e Riberto; Peixinho, Jonas, Gino, Gonçalo e Canhoto.

O São Paulo só voltaria a fazer as pazes com os títulos em 70. Com Gérson no meio-campo e Zezé Moreira como técnico, voltou a ser campeão paulista. E ganhou o título, por antecipação, vencendo o Guarani por 2 a 1, em Campinas. O time base no campeonato era formado por Sérgio; Forlan, Jurandir, Dias e Gilberto; Edson e Gerson; Paulo, Terto, Toninho Guerreiro e Paraná. No ano seguinte, em 71, o bicampeonato. Osvaldo Brandão era o técnico no lugar de Zezé Moreira, e Pedro Virgílio Rocha entrou no meio-campo. Na decisão o São Paulo venceu o Palmeiras, por 1 a 0, gol de Toninho Guerreiro. Este, aliás, passou a ser o único jogador da história do futebol paulista que conseguiu ser pentacampeão, já que em 67, 68 e 69, fora tricampeão com a camisa do Santos.

Em 75, com a raça de Chicão no meio-campo e os gols de Serginho no ataque, o São Paulo ganhou mais um título paulista. Mas a grande conquista da época viria em 77, no Mineirão, quando venceu o Atlético na decisão por pênaltis e ganhou o título brasileiro. Em 80 e 81, mais um bicampeonato paulista. Valdir Peres, Getúlio, Oscar, Dario Pereyra e Aírton; Almir, Renato e Heriberto; Paulo César, Serginho e Zé Sérgio — o time de Carlos Alberto Silva, em 80, pouco alterado por Formiga, em 81.

Mas uma equipe mais brilhante, montada por Cilinho, voltava a ser campeã paulista em 85. Dos veteranos ficaram só Oscar e Dario Pereyra, e surgiram Müller, Silas, Careca, Pita, Nelsinho, Sidnei, Gilmar... a mesma equipe que ontem decidiu o título com o Guarani.

Marco Antônio Rodrigues

O Guarani quer ser grande

É isso que exige uma exigência que o time faz ao futebol brasileiro. Afinal, o surpreendente sucesso na Copa Brasil e a estrutura de grande clube que a diretoria conseguiu montar são motivos suficientes para ganhar o status tão sonhado: grande.

Eis que o Guarani exige depois do surpreendente e rápido sucesso nesta Copa Brasil: tratamento de um verdadeiro time grande do Brasil. Nada mais justo — então — que, desde já, seus jogos contra os grandes sejam chamados de clássicos pelos torcedores e pela imprensa esportiva de todo o País.

Na verdade, a própria história e o destino deste clube já lhe dedicavam essa condição de superioridade. Afinal, o Guarani nasceu para representar a elite de Campinas, que não suportava a idéia de acompanhar jogos da Ponte Preta, um time com fortes raízes populares até hoje.

Assim, desde a sua fundação, se formou uma divisão entre os campeiros. E só mesmo uma rivalidade tão forte como esta — mais o gosto pelo futebol — poderia provocar um desenvolvimento tão grande nestes dois clubes, que ainda tiveram o privilégio de contar com o espantoso crescimento da cidade e da região neste século.

A própria história da fundação e da origem de seu nome dão a medida exata daquilo que pretendiam seus patronos: o Guarani foi fundado no dia 1º de abril (depois a data passou para 2 de abril para fugir às provocações dos rivais pontepretanos) de 1911 numa reunião realizada na sede social da Sociedade Recreativa 7 de Setembro e passou a representar a elite campineira. O grupo era formado por estudantes e intelectuais da época, e escolheram o nome do clube em homenagem à obra de Carlos Gomes, outra glória da cidade. Depois, ganhou o carinhoso apelido de Bugre, que na tradução literal do dicionário do Aurélio significa índio guerreiro, bravo, uma das principais características da maioria dos times montados pelo Guarani ao longo de sua história.

Em sua sede social, hoje, ainda é possível encontrar um quadro rústico com fotos do primeiro time montado pelo Guarani: Goal Keeper — Manoel Gomes; Full Back — Dário e Paulino Soares; Half Back — Romeu de Vito, Carlos Ribeiro e José Laino; e Forward — Miguel Buonicori, Augusto Santos, José Fernandes, Miguel Grecco e Egidio Matheus.

E desde os primeiros anos, o Guarani — graças ao poder aquisitivo de seus patronos — demonstrava muito mais organização e austeridade do que seu rival. A Ponte Preta não conseguia campos para jogar e passava a ser ridicularizada na cidade com o apelido de "clube das onze camisas". Enquanto isso, o Guarani, depois de comprar um campo na Vila Industrial e um terreno na rua Barão Geraldo Resende, inaugurou em 15 de junho de 1923 o primeiro estádio de futebol de Campinas.

Foi o acontecimento social da cidade: os rapazes do Guarani receberam os ilustres rapazes do Paulistano num amistoso cordial, que terminou com a surpreendente

vitória de 1 a 0 do time da casa, gol marcado por Sequinha, aos 41 minutos do segundo tempo. O resultado foi intensamente comemorado, mesmo porque o Paulistano era o time da moda e contava com um ataque famoso, formado por Hermógenes, Friedenreich, Formiguiinha, Mestres e Netinho.

A construção do estádio do Guarani provocou uma reação muito forte no rival e serviu para aumentar ainda mais a guerra entre os dois clubes. E o jeito — para os pontepretanos — foi espalhar na cidade que o campo de Guarani deveria ser chamado de Pastinho.

Dentro do campo, então, a rivalidade se tornava mais intensa a cada novo duelo, hoje chamado de Derbi. E na década de 40, foram inesquecíveis os duelos do centroavante Zuzá, do Guarani, com o fortíssimo beque central Sataligrado, da Ponte Preta.

Zuzá era um centroavante de gols impossíveis e que até hoje é reverenciado como o maior jogador do Guarani de todos os tempos. Uma de suas aventuras mais famosas ainda é lembrada com prazer pelos bugrinos antigos: Zuzá fez alguns gestos obscenos em direção ao inimigo. Stalingrado ficou doído. Abandonou a área e passou a correr atrás de Zuzá por todos os lados do campo. O Guarani se aproveitou e chegou à vitória.

Mas, com certeza, isso não é nada perto do troco que o Guarani levou da Ponte Preta no primeiro ano em que foi instalada a Lei do Acesso no futebol paulista. Foi em 1948: o Guarani dependia de um simples empate da Ponte Preta contra o XV de Piracicaba para subir para antiga Divisão Especial. O jogo estava marcado para Campinas e tanto o juiz como os bandeirinhas já tinham sido "encomendados" pelos dirigentes do Guarani. Mas a Ponte Preta — para não favorecer o rival — perdeu de propósito e o Guarani ficou mais um ano na fila.

A Ponte Preta sofreu um gol logo no início do jogo e ficou brincando, jogando na defesa para não beneficiar o eterno rival. De nada adiantou o juiz apitar três pênaltis a favor da Ponte. O zagueiro Gaiola chutou todos para fora. No último deles, quase no fim do jogo, a bola saiu perto do pau do escanteio. E Gaiola, rindo, foi comemorar o lance nas arquibancadas, ao lado da fanática torcida da Ponte Preta. Coincidência ou não, a verdade é que depois deste episódio, a Ponte Preta nunca mais ganhou uma decisão.

A gente notava que era proposital. Foram três pênaltis e todos chutados para fora. Eu vi esse jogo e tenho certeza que a intenção era mesmo prejudicar o Guarani — lembra Palimércio de Oliveira Pinto, 52 anos, ex-conselheiro do clube e atualmente assessor da presidência.

O Guarani subiu no ano seguinte, derrotando no jogo final o Bata-

tais por 2 a 0, na rua Javari, gols de Zico e Dorival. Depois, foi organizada uma das maiores festas da história do clube, com os jogadores transportados em carro aberto por um curso que ligou São Paulo a Campinas.

Três anos depois, em 1953, o Guarani deu o troco e humilhou seu rival, construindo um moderno estádio numa região nobre da cidade. O novo campo foi batizado com a originalidade e a empáfia que sempre caracterizou o clube: "Brinco de Ouro da Princesa". Brinco por causa do formato e a citação princesa foi feita em homenagem à rainha Elisabeth, da Inglaterra, que foi coroada no mesmo dia. O Guarani convidou o Palmeiras para a festa naquele histórico 31 de maio de 53 e acabou vencendo o time do Parque Antártica por 3 a 1, com gols de Nilo, Dida e Augusto. Lima fez o gol do Palmeiras.

Na Divisão Especial — hoje Primeira Divisão — o Guarani montou grandes times, revelou inúmeros jogadores, mas só agora tem a estrutura (de futebol e clube) dos grandes clubes do País. Tudo isso porque sempre foi uma equipe regular no futebol paulista, soube buscar fontes alternativas de receitas para aumentar seu patrimônio. E mais: reforçou seu elenco e jamais se esqueceu de incentivar a escolha de jogadores das divisões inferiores.

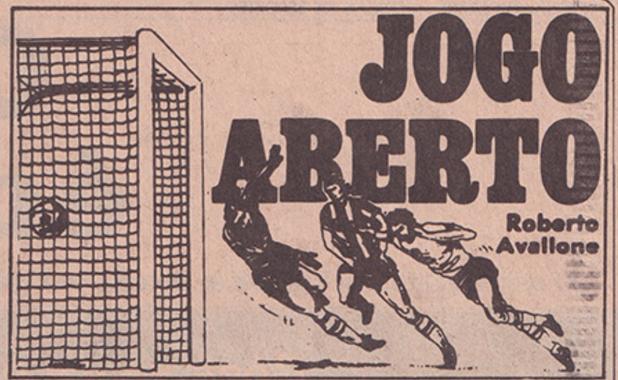
Curiosamente, um ano depois da rival Ponte Preta fazer uma grande campanha no Campeonato Paulista e chegar à final contra o Corinthians, o Guarani — dirigido pelo atual presidente Leonel Martins de Oliveira — reforçou a equipe e chegou ao primeiro título de campeão brasileiro, derrotando nas finais o Palmeiras, por 1 a 0, duas vezes. Antes, passou por um teste de fogo vencendo o então temível Vasco da Gama, em pleno Maracanã, e depois repetindo a dose em Campinas.

Depois disso, o Guarani alterou bons e maus momentos. Mas inegavelmente vem crescendo nos últimos anos: em 81, foi campeão da Taça de Prata; em 82, terceiro colocado na Copa Brasil, sendo desclassificado pelo Flamengo de Zico e Cia; em 85, chegou às semifinais do Campeonato Paulista e foi eliminado pelo São Paulo; e, depois de uma ridícula campanha no último Campeonato Paulista, tratou de renovar toda a equipe e comissão técnica. Os resultados foram imediatos, com o time fazendo a melhor campanha da Copa Brasil e decidindo o título com o São Paulo.

Diante de tudo isso, o Guarani tem todo o direito de reivindicar um lugar no seleto grupo dos grandes clubes brasileiros. Até porque, graças ao belo futebol apresentado nesta Copa Brasil, conquistou respeito e admiração no País.

Aílton Fernandes

O craaque



Na Copa do Mundo, Careca já se havia consagrado. Na Copa Brasil ele confirmou tudo, sempre marcando gols decisivos.

As unhas de Paulo Vítor só conseguiram arrancar a bola, que parecia tocada pela mão do destino. Caprichosamente, ele bateu no travessão — exatamente no lugar em que o goleiro, bem colocado, não conseguia alcançar —, desceu ao gramado e, depois de encontrar o pé da trave, entrou.

Essa cena será repetida mais vezes, quando se contar a história desta Copa Brasil, o que garante a Careca o papel principal, o de herói do São Paulo.

Se não fosse aquele gol, os 66 minutos de reação, talvez levassem o Fluminense, com o empate, à classificação. Mas assim que a bola entrou, a torcida passou a assistir a outro jogo. Como se se livrassem de um peso, os jogadores do São Paulo começaram a tocar a bola com rapidez, naquele balé mágico que restaurou o charme do futebol brasileiro.

Mas, Careca ainda interpretaria o personagem central, no jogo de volta com o América, no Rio. No Morumbi o América foi derrubado mais pelos seus próprios fantasmas do que pelo pobre futebol do São Paulo.

Até os 34 minutos o São Paulo repetia aquele futebol de uma nota só que, ao chegar à área do América, se diluiu como uma bolha de sabão. O empate já era suficiente para a classificação, mas a torcida indignada, queria mais. Afinal, o orgulho de time grande estava em jogo e era preciso apagar da memória o triste jogo de ida.

E, dentro de um verdadeiro bigombo vermelho, formado pelos zagueiros do América que se aglomeravam na entrada da área, Careca balançou o corpo e, quando achou uma abertura na defesa, chutou sem muito força. Quando Régis viu a bola, já era tarde: o goleador estava com os braços erguidos, em transe, com os companheiros e a torcida.

Na final do último domingo, também o 1 a 0 para o Guarani parecia irreversível. O São Paulo ataca

cava sem parar, mas, nem conseguia fazer de Sérgio Nery um herói, de tantas oportunidades que perdia. Isso sem contar as três bolas na trave que todos, nos vestiários, usariam como suspeita desculpa para o empate.

Careca tinha sido marcado por três zagueiros no primeiro tempo: Marco Antonio, preso na lateral. Só para fechar aquele espaço Fernando um pouco mais atrás, na sobra; e, ainda o volante Tosin, pela frente.

Além disso, o Guarani teve o desprente de abrir a contagem em plenos 15 minutos do segundo tempo e, a partir daí, era possível ouvir até o zumbido das moscas, no Morumbi lotado de são-paulinos.

Mas três minutos depois, como se nada tivesse acontecido Müller tocou a bola a Silas, que dividiu com um Zagueiro. A sobra ficou com Sidney, que chutou fechando os olhos. A bola estalou na trave e voltou para Careca, que desfrutava, na área, o seu único momento de liberdade no jogo inteiro.

Nesse gol sim. Careca precisou da colaboração dos companheiros, mas nos outros ele agiu como o centro avante da última Copa do Mundo, que destruiu quase todas as defesas que ousaram marcá-lo.

E, ele vivia o sublime momento da conquista, atingindo aquele ponto que não será mais alcançado por alguém. Ele já não era mais o centroavante, ex-terceiro homem que precisava de Renato, Casagrande e Müller para desmontar as retrancas. Os outros é que gravitavam em torno dele, deslumbrando-se com os gols de pé direito ou esquerdo, pouco importa, de cabeça, por cobertura — como o do Maracanã, contra o América.

Com ele em campo, é quase certo que haverá o ritual ao Deus do gol, com os adoradores comemorando com os braços erguidos, como se saudassem a divindade da vitória, que — no momento — faz de Careca o seu peceiro.

Sérgio Baklanos



O artilheiro, capa de revista italiana.

A consagração do gênio que pôde até perder um pênalti

Na empolgante final do Campeonato Brasileiro, em Campinas, diante de um heróico Guarani, surgiu o grande campeão: o São Paulo. Vencedor, mais uma vez, na cobrança de pênaltis — como em 1977 — pois um jogo, uma prorrogação e seis gols não foram suficientes para determinar quem iria à taça. Mas a taça foi a quem de direito, ao capitão Careca, o maior jogador do Brasil. O gênio que, por ironia, deu-se ao luxo de ter sido o responsável pelo único pênalti desperdiçado pelo tricolor.

E Careca foi o artilheiro do campeonato, com seus 25 gols, um à frente de Evair, numa justa consagração ao craque entre os craques desse longo e louco torneio. Como marcar Careca? Ontem, o Guarani fez o que pôde, com medo do centroavante que destruiu os sonhos do Fluminense, com um chute sem ângulo que debochou do goleiro; que fez morrer os sonhos do América com o toque do supercraque, encobrindo o zagueiro grandalhão e o goleiro de quase dois metros de altura; que venceu os azares do São Paulo e suas bolas na trave, empurrando uma delas, no rebote e com o oportunismo, para o fundo das redes, no domingo.

Ontem, em Campinas, recebendo combate de Tosin, ficando Valdir Carioca pela direita e Ricardo pela esquerda, todos em sua marcação, o que deveria fazer o gênio? O que fez, deslocando-se pelas pontas: criou o segundo gol do São Paulo, centrando para Pita depois de armar a jogada de calcanhar e marcando ele mesmo, Careca, o gol salvador do tricolor no último minuto da prorrogação. Nesse gol, quando tudo parecia perdido, ele entrou como se fosse um ponta-esquerda apanhando a bola num inesquecível sem-pulo.

O centroavante dos últimos 30 anos

Pelas virtudes exibidas nos campos por onde já andou, pouco importa um mero título de campeão. Careca é, simplesmente, um jogador que, neste momento de graça, está acima dos títulos e das conquistas triviais. Trata-se do melhor centroavante do Brasil nos últimos 30 anos, como já disse neste *Jogo Aberto*, o melhor que vi jogar.

E mais uma vez peço perdão aos saudosistas mais radicais, lembrando, em tom de clemência, que não vi em ação Leônidas da Silva e suas bicicletas imortais; também não acompanhei a romântica trajetória de Heleno de Freitas, considerado o mais elegante e o mais temperamental dos centroavantes. Muito menos, é claro, posso discutir o quanto jogava Arthur Friedenreich, *El Tigre*, um mulato de olhos verdes que desafiava os zagueiros grandalhões e fazia da área sua aliada para seus quase mil gols (mil e trezentos, se contados os amistosos e os jogos-treinos, comuns na época). Pena que também só possa falar de Ademir de Menezes, o artilheiro da Copa de 50, pelo que ouvi dos mais antigos e pelas coleções dos jornais da época.

Vamos, então, aos goleadores da metade dos anos 50 para cá: qual deles reuniu em seu futebol as virtudes de Careca — o chute de direita, o chute de canhoto, as cabeçadas, o toque de bola mágico, os repentinos de gênio, o drible irresistível e o físico perfeito?

Nenhum. Se um ou outro podia ganhar num item específico, todos perdem no geral, no conjunto das qualidades. Os corintianos estão bem lembrados de Baltazar, o *Cabecinha de Ouro*, infalível em suas cabeçadas, mas extremamente modesto no domínio de bola; fazendo mais raça do que da técnica à sua arma rumo às redes.

Os torcedores do Palmeiras talvez reclamem de seu grande e único ídolo de 1956 ao começo de 1958, Mazzola, o *Diabo Loiro*, o centroavante dos rusche impressionantes, capaz de carregar sozinho, numa luta inglória, as agruras de um time fraco e perdido. Vendido para a Itália, Mazzola foi transformado em Altafini, goleador que encantou Milão, Nápoles e Turim. Mas não era um Careca.

E Vavá, o *Peito de Aço*? Bicampeão do mundo pela Seleção Brasileira, em 1958 e 1962, jamais teve medo de cara feia e nem mesmo de quase quebrar o tornozelo para marcar um gol decisivo nos russos. Também era dotado de boa técnica, meia-armador que fora de origem, embora longe de cultivar o estilo requintado do nosso Careca.

Quanto a Tostão, o centroavante da seleção de Monstros Sagrados da Copa de 70, não o considero exatamente um centroavante. Genial, capaz das mais doces diabruras com sua canhotinha, foi centroavante especial, abrindo espaço, com suas deslocções e fino toque de bola, para as arrancadas de Pelé e Jairzinho Furacão. Era, porém, muito mais um meia-esquerda.

Talvez a discussão se arrastasse mais com os torcedores do Santos, que não perdoam ver relegados a um segundo plano seus ídolos da área, depois de Pelé: Coutinho e Pagão. Quanto a Coutinho, era insuperável na arte de tabelar com Pelé, fazendo da parceria a cenas que mais pareciam desenhos animados, tendo também a frieza dos craques quando entrava na área inimiga. Só que Coutinho, incapaz de controlar seu peso, nunca foi o mesmo na Seleção ou quando jogava sem Pelé. Tinha a dependência que não se vê em Careca.

Pagão, considerado o mais requintado centroavante que o Santos já teve, era prejudicado pelo físico pouco adequado para um homem de área (menos de 1 metro e 70) e pelas contusões constantes. Hábil, grande chutador, com nenhum poder de cabeçada, tinha um estilo que lembrava o do grande Cruyff, mas sem ser necessariamente um centroavante, ficando mais para o preparador de jogadas para um Pelé em começo de carreira.

Pagão jogou apenas duas vezes na Seleção Brasileira. Pode ser comparado a Careca?

Em março, Careca na Itália?

É o que ele quer, segundo afirmou em entrevista à revista italiana *Guerin Sportivo* publicada no começo deste mês.

Sono del Napoli... Per me, la felicità oggi ha solo un nome, Italia... l'Italia promette gol e allegria.

Essa declaração de amor foi publicada pela revista italiana *Guerin Sportivo* no começo de fevereiro. A primeira frase foi escolhida como manchete principal da capa. Dentro da revista uma reportagem com o centroavante Careca, fazendo em quatro páginas de seus olhos, dos pais, do São Paulo, de assarros, cerveja e tiro ao alvo.

O repórter Marino Bartoletti viajou e acompanhou o jogador um dia todo. Careca foi dócil nas respostas: E no momento principal da conversa o centroavante usou toda a sua habilidade para preparar a melhor jogada.

Só em março anunciarei oficialmente o nome do time em que jogarei em 87.

O repórter não perdeu a esperança de arrancar a resposta que queria. Cumpriu seu papel. Arriscou mais uma pergunta, aproveitando o clima da magia brasileira que costuma seduzir quase todos os estrangeiros.

O que um vidente brasileiro poderia prever para seu

futuro? — insistiu Bartoletti.

Mais importante que um vidente é o presidente do São Paulo, Carlos Miguel Aida. Ele garantiu que fará de tudo para me deixar feliz. E para mim, como estão as coisas, a felicidade tem um só nome: Itália. Espero muito da Itália. A Itália promete gols e alegria.

O artilheiro falou como um experiente homem de marketing que há anos vem montando uma estratégia de venda para exportar produtos para a Europa. Careca quer exportar gols e, se for possível, melhorar a imagem do futebol brasileiro.

Na entrevista Careca teve seu salário comparado ao do presidente Sarney. O repórter Marino Bartoletti ficou emocionado com os cálculos.

Campeão do São Paulo, ganha mais que o presidente do Brasil. Cria pássaros, gosta de tiro ao alvo e de cerveja (porém, nem tanto quanto Sócrates). Será a boca de fogo do próximo time do Nápoli — escreveu o repórter.

Careca falou que seu nome era Antonio Oliveira Filho. O repórter fez a tradução para o italiano: Ca-

reca ou Pelado, aquele que não tem pelos...

A reportagem mostra que o "reino pessoal do centroavante" continua sendo a bela fazenda de Mogi Mirim, a poucos quilômetros de Campinas.

Com tucanos, papagaios e dezenas de outros animais mais ou menos domésticos e mais ou menos coloridos...

Referindo-se a ele (escreveu o jornalista), Pelé disse:

É o melhor jogador brasileiro mas infelizmente também será o primeiro a nos deixar no fim da temporada (março).

O repórter esteve em Campinas, onde conversou com o pai do centroavante. Foi recebido por Antoninho, que relembrou sua modesta vida de jogador de futebol profissional no passado ao lado de Dondinho, pai de Pelé. Nessa conversa de família foi revelado também que Careca poderia estar jogando pela Inter de Milão desde 83, fazendo dupla com Altobelli, mas foi impedido porque decidira casar-se naquela ocasião.

De fato, em São Paulo, muitas pessoas têm certeza de que Careca

está com as malas prontas. Há ainda aqueles que trabalham duramente para mantê-lo no time (seu contrato termina no próximo dia 5) formando um pool de empresas como foi feito no caso de Falcão — contou o jornalista italiano.

Quero ter a chance de jogar o melhor campeonato do mundo no momento, numa verdadeira prova de nível internacional — disse Careca. — Conversei muito com o Júnior, meu grande amigo. Ele me contou que o maior problema é a neve, pediu que eu me preparasse para comprar luvas... Não tenho medo de neve. Vi neve pela primeira vez no Japão há dois meses. Quem marca gol no seco, marca na água e no gelo.

O centroavante brasileiro falou ao repórter italiano que recentemente se encontrou com Maradona em Paris. A conversa entre os dois jogadores, segundo a reportagem da *Guerin Sportivo*, "poderia ser comparada à de um garoto conversando com seu maior ídolo".

Maradona foi gentil comigo. Disse que me sentiria honrado em jogar ao lado dele no Nápoli.

Roberto Pereira de Souza

Brilho nos pés é com Nugget.



Talento nos pés é com o São Paulo.



Cláudio Adão é da Portuguesa

O centroavante, que voltou a se destacar na Copa Brasil que terminou ontem, marcando muitos gols pelo Bahia, ficará no Canindé até o final do ano.

Góes vence e lidera o Circuito Vat 69

Mas ele é seguido de perto pelo argentino Roberto Arguello

O brasileiro Júlio Góes, com 30 pontos, e o argentino Roberto Arguello, com 27, fazem uma luta equilibrada pela liderança do Circuito Satélite Vat 69 Cup. Ontem, ambos passaram para as quartas-de-final da etapa de Campinas e se vencerem hoje jogarão entre si nas semifinais, amanhã, numa partida que valerá a primeira posição no Circuito. Os jogos de ontem não foram muito favoráveis aos tenistas brasileiros, e apenas três deles — Júlio Góes, Eleutério Martins e Dácio Campos — conseguiram alcançar as semifinais.

Góes venceu o também brasileiro César Kist com surpreendente facilidade (6/2 e 6/1), Martins lutou muito para derrotar o americano Jonathan Sorbo por 3/6, 6/2 e 6/3, e Campos, numa partida longa e dramática, superou Roger Guedes, do Brasil, por 6/3, 0/6 e 7/6 (7/2).

Nas demais partidas de brasileiros, só derrotas: de Marcelo Hennemann para o uruguaio Marcell Filipini (6/2 e 6/2); de Eduardo Oncins para o argentino Marcelo Ingarano (6/4 e 6/3); de Mauro Menezes para o mexicano Eduardo Velez (5/7, 6/0 e 6/1) e de Eduardo

Furusho para o mexicano Augustin Moreno (3/6, 6/2 e 6/0). Partidas de hoje, pelas quartas-de-final: Góes X Ingarano; Campos X Martins; Arguello X Filipini e Moreno X Velez.

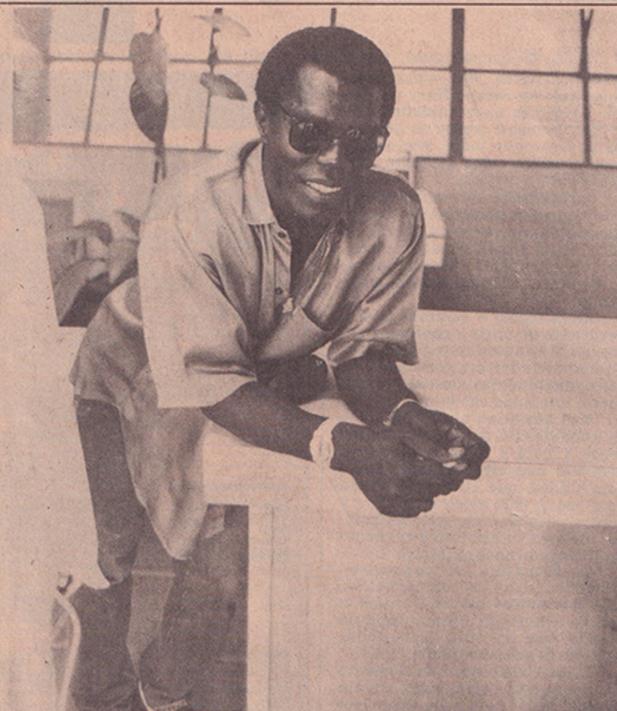
Kirmayr e Kley perdem — Carlos Alberto Kirmayr e Ivan Kley, dois dos melhores e mais experientes tenistas brasileiros, não passaram da primeira rodada no torneio Lipton, em Key Biscayne, EUA. Os dois estrearam contra jogadores de alto nível técnico e pouco puderam fazer. Kirmayr ainda conseguiu ganhar o primeiro set (6/4) do equatoriano Andres Gomez, décimo no ranking mundial. Depois, perdeu dois sets sem opor muita resistência (6/1 e 6/1) e voltou a endurecer bastante no quarto, quando só caiu no tie-breaker por 7/2.

Kley, um jogador que prima pela regularidade, caiu justamente contra outro das mesmas características, só que muito mais preciso: o sueco Anders Jarryd, que por muito tempo figurou entre os dez primeiros do mundo. Mesmo lutando muito, o brasileiro acabou perdendo os três sets: 6/3, 6/0 e 6/4. Outros sul-americanos elimi-

nados na primeira rodada foram o argentino Martin Jaitte e o chileno Ricardo Acuña. Jaitte, décimo-quarto cabeça-de-chave, perdeu para o sul-africano Danie Visser por 6/1, 6/2 e 7/6 (7/3), enquanto Acuña deu o azar de pegar justamente o checo Ivan Lendl, primeiro no ranking mundial, de quem perdeu por 6/2 6/3 e 6/2.

Antidoping — Cada jogador será submetido ao menos uma vez ao exame antidoping durante a quinzena do torneio Lipton. O Conselho Nacional de Tênis, que decidiu aplicar pela primeira vez essa medida nestes campeonatos, anunciou que os jogadores serão submetidos a um teste de absorção de cocaína, heroína e anfetamina. Por outro lado, não serão realizados testes de esteróides e maconha. A Associação de Tênis Feminino (WITA) resolveu não aplicar os testes às jogadoras que também empõem no Litoral.

Vitórias juvenis — Os brasileiros Marcus Barbosa (o "Bocão"), Gustavo Ramos e Carlos Engel estrearam com vitórias na Argentina Bowl 87, torneio disputado no Clube Náutico de Mar Del Plata.



Cláudio Adão: agora, gols na Lusa.

O Palmeiras fica com Jorginho por mais um ano

Jorginho continuará no Palmeiras por mais um ano. Depois de quase 15 dias de negociações com o jogador e o seu procurador, Jorge Adamo, o presidente do clube, Nelson Duque, finalmente conseguiu ontem acertar a permanência de Jorginho, evitando, dessa forma, que o seu passe fosse colocado à venda através da Federação Paulista como estava para acontecer. Tanto o jogador como a diretoria não revelaram as bases do novo contrato, mas tudo indica que Jorginho deva receber Cz\$ 120/150 mil mensais, entre luvas e ordenados. Martorelli também reformou o seu contrato na terça-feira à noite, e agora a diretoria começará a discutir a situação do zagueiro Vagner, cujo contrato terminará no final de março. A intenção dos dirigentes, porém, é acertar com o jogador antes de começar o Campeonato Paulista, previsto para a primeira quinzena do próximo mês. O presidente Nelson Duque já foi informado do interesse do Corinthians por Vagner, porém assegurou que esse jogador não será negociado.

Mas os reforços continuam sem aparecer. Ainda hoje, o Palmeiras espera solucionar a troca de Ditinho por Renato, lateral-esquerdo do Fluminense. O problema reside na proposta que Ditinho fez ao clube carioca em torno de Cz\$ 500 mil de luvas e salários de Cz\$ 90 mil mensais, considerada muito alta. Com Renato estaria quase tudo acertado.

Além dele, a diretoria pretende trazer mais dois jogadores para o Campeonato Paulista, mas as dificuldades para conseguir esses reforços são muitas. Depois de perder Tita para o Vasco, a diretoria agora pensa em Luis Carlos do Grêmio. Outro jogador que continua nos planos do Palmeiras é Renato, do América do Rio, embora esse clube já tenha anunciado que o jogador não está à venda.

Biro-Biro muda de idéia e, outra vez, se diz insatisfeito.

O acordo entre Biro-Biro e o Corinthians não está fácil de acontecer, como asseguraram os dirigentes do Parque São Jorge. O jogador, embora tivesse garantido na última terça-feira que realmente estava propenso a fazer um novo contrato — o que representaria um reforço para Roberto Pasqua nas próximas eleições — ontem mudou radicalmente de idéia. Ele disse que o impasse continua e demonstrou mais uma vez estar magoado "com as divergências financeiras" provocadas pela diretoria para o acordo. E para reforçar a sua insatisfação, Biro-Biro pediu ao técnico Jorge Vieira para afastá-lo da equipe titular, até que a situação seja resolvida de uma vez por todas.

O presidente Roberto Pasqua, porém, garante que, ainda nas próximas horas, resolverá esse problema, pois não tem nenhuma intenção de negociar esse jogador. O dirigente explicou que o seu plano de montar uma boa equipe para o Campeonato Paulista continua, por isso não pretende se desfazer de Biro-Biro. O Corinthians, depois de anunciar o interesse por Tita, Edu, Neto e Renato, contratações que acabaram não dando certo, promete novas investidas. Agora a diretoria está atrás de Zenon e Everton, que pertencem ao Atlético Mineiro. Há informações de que o clube teria mandado um empresário ontem a Belo Horizonte para tratar dessas negociações, e que a diretoria espera anunciar esses reforços ainda hoje. O zagueiro Vagner, do Palmeiras, também interessa ao Corinthians.

Mas a diretoria tem ainda outros problemas para se preocupar. Além de Biro-Biro, que já manifestou o interesse de deixar o clube, há outros jogadores com essa mesma disposição. São os casos de Valdir Peres, Catanoe, Márcio e Ailton.

O Coritiba joga como nunca (no tapetão)

O Coritiba, que em campo foi uma decepção e acabou perdendo o direito de participar da divisão principal do próximo Campeonato Brasileiro, continua brigando na Justiça para não só garantir sua participação no próximo campeonato nacional, como até de, no caso de vencer a ação ingressar na Justiça comum contra a CBF e o CND com ação de perdas e danos. A alegação do Coritiba é a de que o regulamento foi alterado a partir do momento em que o Joinville foi convidado, alterando dos 32 regulamentares para 33 o número de clubes participantes. Mas o Tribunal Federal de Recursos só dará uma decisão até o final de março.

Resultados/Regionais — Rio: Fluminense 2 x Cabofriense 1; Campo Grande 3 x Porto Alegre 1. Paraná: Pinheiros 2 x Matsubara 1, Apucarana 1 x Atlético Paranaense 1.

Bandeirante/Pesadelo — A cidade de Birigui está dormindo mal. Os torcedores do Bandeirante andam sobressaltados com a possibilidade de que seu estádio não seja aprovado pela comissão da Federação Paulista de Futebol o que impediria o clube de disputar o Campeonato da Primeira Divisão. Para elevar a capacidade do estádio às 15 mil pessoas previstas pelo regulamento, foi erguida uma estrutura metálica usada para rodios e o prefeito Flórida Fervellati e o diretor do departamento de obras do município chegaram a assinar um termo de responsabilidade de segurança dos torcedores. A decisão da Federação deverá ser anunciada hoje ou amanhã.

Gainete — O técnico Gainete, do Guarani, é o preferido pela diretoria do Grêmio para comandar a equipe no Campeonato Gaúcho.

Cláudio Adão é o novo reforço da Portuguesa. Ele se apresentou ontem no Canindé e depois de se reunir com os dirigentes, acertou o empréstimo do seu passe até o final do ano por Cz\$ 1,5 milhão, que será pago em três parcelas iguais. Cláudio Adão, que disputou a última Copa Brasil defendendo o Bahia, é dono do próprio passe.

O mesmo, porém, não aconteceu com o ponta-direita Santos, que ontem também foi ao Canindé para conversar sobre a sua transferência por empréstimo até o final do ano. Ele praticamente acertou com os dirigentes da Portuguesa as bases do seu contrato, mas a sua contratação não foi ainda concretizada porque ele pertence ao Vasco e não trouxe nenhuma documentação do clube carioca, principalmente a liberação. Mas presidente OTD garante que esse problema será resolvido entre hoje e amanhã, quando o Vasco enviará ao Canindé esses documentos, já que entre os dois clubes tudo está certo. A Portuguesa deve pagar Cz\$ 400 mil pelo empréstimo desse jogador.

Com as contratações de Cláudio Adão e Santos, pedidas pelo técnico René Simões, e mais a reforma do contrato de Edu, acertada na última terça-feira, OTD afirmou que a Portuguesa já montou o time para o Campeonato Paulista. Ele disse que o clube não deve mais fazer novas contratações. O elenco treinou ontem em dois períodos e deve repetir a dose hoje, já que o amistoso com o Moji-Mirim foi cancelado.



Eder: "novo trabalho".

O novo Santos contra o Flamengo, à noite na Vila.

O "novo Santos". O time que a torcida esperava para lutar pelo título paulista de 87, e para apagar a triste lembrança da temporada de 86, quando o clube ficou fora de todas as decisões. E assim que os dirigentes estão apresentando a equipe que enfrenta o Flamengo no amistoso de hoje à noite, na Vila Belmiro, com transmissão direta para a Capital pela TV Bandeirantes.

Estão confirmadas as estréias de Eder, Chicão, Oswaldo, Osmarzinho e Claudinho, que a diretoria considera atrativos suficientes para proporcionar uma arrecadação em torno dos Cz\$ 2 milhões. A intenção do técnico Formiga era escalar também Mendonça, que veio do Palmeiras junto com Eder, mas o jogador submeteu-se a uma cirurgia de pterígio (retirada de uma membrana próxima ao globo ocular) e só será liberado para os treinos no início da próxima semana.

Além das estréias, a torcida poderá rever também o goleiro Rodolfo Rodriguez e o zagueiro central Nildo, que renovaram contrato, finalmente, após longas conversações. E, pelo lado do adversário, as presenças de Sócrates, Adílio, Mozer, Andrade e Renato, obrigatórias de acordo com o contrato feito entre os dois clubes.

Por tudo isso, o técnico Formiga já admitiu que o amistoso de hoje será muito importante para verificar o potencial do time. Mas, para evitar decepções, ele previne a torcida de que não deve esperar uma "grande apresentação", pois fatalmente a equipe sentirá falta de entrosamento, pois nada menos que cinco jogadores estarão estreando.

Para tentar minimizar as dificuldades, Formiga comandou ontem, no campo do 2º Batalhão de Caçadores, em São Vicente, um longo treinamento coletivo. Sua maior preocupação foi acertar o posicionamento dos jogadores no campo, de modo a que não deem espaço para o Flamengo tentar impor seu jogo de toque de bola.

Dos jogadores que se apresentarão hoje pela primeira vez na Vila Belmiro, o que terá maior responsabilidade será Claudinho, lateral esquerdo encarregado de marcar o ponta Renato. Claudinho, que tem 26 anos, vinha jogando ultimamente na 2ª Divisão. Assim mesmo, considera-se um jogador experiente, e garante que o fato de marcar Renato não o intimida: "É o melhor ponta do Brasil, vou ter que jogar com cuidado. Mas também quero apoiar o ataque, que é o meu forte".

Outro que está muito motivado é o ponta esquerda Eder. Depois de admitir que ainda não recuperou totalmente a sua forma física, disse que tentará superar tudo com muita força de vontade: "É o início de um novo trabalho. E vamos começá-lo bem".

Santos: Rodolfo Rodriguez, Ijuí, Nildo, Toninho Carlos e Claudinho; César Sampaio, Oswaldo e Ribamar; Osmarzinho, Chicão e Eder. **Técnico:** Formiga. **Flamengo:** Zé Carlos, Jorginho, Leandro, Mozer e Ailton; Andrade, Sócrates e Bebeto; Renato, Kito e Adílio. **Técnico:** Sebastião Lazaroni. **Juiz:** Romualdo Arrppi Filho. Local: Vila Belmiro, às 21h15, com transmissão pela TV Bandeirantes.

Hipismo faz seleção

A Confederação Brasileira de Hipismo vai indicar, até o dia 15 de maio, os quatro integrantes da equipe que estará representando o País nas provas de concurso completo de equitação durante os jogos Pan-americanos de 87, em agosto, na cidade norte-americana de Indianápolis.

Para isso, os cinco conjuntos que mais se destacaram na temporada passada estarão sendo observados numa única eliminatória: o Concurso Completo Internacional, a realizar-se entre os dias 30 de abril e 3 de maio, em Saumur, na França. Para as outras provas, o critério será o de resultados obtidos nos concursos nacionais.

Salão: rodada final.

O Troféu Cidade de São Paulo de Futebol de Salão terá na noite de hoje, no ginásio Presidente Ciro, a sua rodada final. O Corinthians, que já garantiu o título por antecipação, joga contra seu grande rival Água Branca, enquanto o Brasinha enfrenta o Bordon. O time corinthiano já garantiu o título porque

mesmo que o Agua Branca consiga derrotá-lo, somará o mesmo número de pontos e perderá no critério de desempate, já que o Corinthians ganhou duas partidas e o Agua Branca tem dois empates. O Corinthians venceu o Bordon e o Brasinha, enquanto o Agua Branca apenas empatou com os dois.

O melhor treino de Senna

O motivo foi a melhora na suspensão eletrônica do seu carro

O piloto Ayrton Senna, após os treinos de ontem no autódromo de Jacarepaguá, estava mais otimista. Afinal, a nova suspensão eletrônica do seu carro passou a trabalhar com mais precisão e Senna conseguiu estabelecer o seu melhor tempo desde o início de seus preparativos, com a marca de 1m31s27. "Finalmente a suspensão progrediu e eu pude dar muitas voltas pela pista. Portanto, de agora em diante, ficarei muito mais confiante em conseguir bons resultados com este novo carro".

Já o italiano Teo Fabi não teve a mesma sorte. O seu carro Benetton-Ford bateu logo após a curva um, quase no final do dia e quando todos da equipe esperavam que o piloto fosse conseguir a melhor marca do treino. O carro não ficou muito destruído e ainda assim Teo Fabi estabeleceu o tempo de 1m30s40, a segunda melhor marca do dia somente superado pelo piloto que mais treinou até agora: Nigel Mansell, que fez 1m30s16.

Quando a Nelson Piquet, o piloto encerra hoje os treinos da Williams com o carro equipado com a suspensão convencional. Após o

treino de ontem, em que teve quebrada uma conexão da nova suspensão computadorizada, ele disse que toda a programação do computador terá que ser refeita e descartar a hipótese de usar o novo sistema já no Grande Prêmio do Brasil.

Intervenção — Em despacho do Egrégio Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro foi suspensa ontem a intervenção na Confederação Brasileira de Automobilismo e a tarde Piero Gancia, que havia sido eleito em assembleia geral no dia 1º de fevereiro, recebia as chaves da entidade do inventor Fritz D'Orey, que havia sido nomeado pelo Conselho Nacional de Esportes. Em seguida nomeou os integrantes do Conselho Técnico Desportivo Nacional da CBA e disse que não está preocupado com uma possível intervenção na Federação do Rio por não ter realizado eleições no mês passado. "Tenho outras prioridades", disse Gancia, "como a corrida de Fórmula-1. No momento esse tipo de problema não merece a minha atenção".

Fórmula Ford — Somente no próximo dia 15 de março a Confederação Brasileira de Automobi-

lismo deverá confirmar o título de campeão de 86 do piloto Jefferson Elias, no Brasileiro de Fórmula Ford. A informação foi prestada ontem, em Brasília, por Hélio Perine, diretor de competições da Ford, que teria recebido a promessa de Piero Gancia. Quanto à temporada de 87, o regulamento deverá ser homologado na próxima semana pelo presidente do Conselho Técnico Desportivo Nacional, Geraldo Goldberg, que já garantiu que a Fórmula Ford continuará a ser disputada em categoria única. A abertura será no autódromo de Guaporé (RS), no dia 29 de março. As provas previstas para o circuito do Mineirão, que seria a abertura, em Belo Horizonte, e a de Florianópolis foram canceladas.

Enduro — Programado inicialmente para o dia 7 de março, o Enduro da Aldeia foi transferido para o dia 14, do mesmo mês, a ser disputado na região de Mairiporã. O patrocínio é da Piment e do jornal Primeira Mão, com apoio da rádio Eldorado, Ninamare e Stuttgart Bar. As inscrições podem ser feitas até o próximo dia 11, na Carrenática — Trilha Motos, e no jornal Primeira Mão, loja da Faria Lima.

Montanaro, o novo reforço do Banespa.

O Banespa definiu ontem a contratação de Montanaro, confirmando a sua disposição de montar uma grande equipe nesta temporada. Montanaro voltará a jogar no mesmo time de Xandó, que renovou contrato, e também de Paulo Roese (ex-Chapeco) e Léo (ex-Bradesco).

O Banespa anunciou, da mesma maneira, a manutenção de toda a sua comissão técnica, integrada por Josenildo de Carvalho (treinador), Nobuhiro Imai (assistente) e José Augusto Menegatti (preparador físico).

Seleção — O técnico José Carlos Brunoro, da Pirelli e da Seleção brasileira masculina, esteve ontem na sede da Aceesp para um debate, com jornalistas, sobre vôlei. Explicou os principais pontos desse esporte e não adiantou as novidades da convocação da Seleção, prevista para hoje. Disse apenas que haverá algumas surpresas no time que jogará o pré-olímpico, em maio, e que os treinamentos serão em São Paulo, em local ainda a ser determinado.

Pelé — Pelé não renovou seu contrato com o Fiat-Minas, já se desligou do clube e viajou para Santa Catarina para acertar os de-

talhes finais de seu ingresso na Sadia. O jogador até que estava propenso a continuar no Minas, mas foi pressionado por sua mulher — que, alegando a busca da independência financeira, prefere sair de Belo Horizonte.

Pré-Olímpico — Se o governo de Brasília consertar o piso e as goteiras do ginásio Presidente Médici até o dia 20 de março, como prometeu, o torneio pré-olímpico, de 10 a 17 de maio, será realizado na capital federal. Essa informação foi anunciada ontem pela Confederação Brasileira de Vôlei.

Santos — Devido a um acordo de patrocínio com uma firma ligada ao comércio exterior, o time de vôlei do Santos passará a se chamar Santos-Rodrimar. O primeiro reforço da equipe é Mariângela, ex-Pão de Açúcar.

Boxe — O norte-americano Marvin Hagler foi despojado, pela Associação Mundial de Boxe, de seu título de campeão mundial dos pesos médios. Motivo: deixou passar o prazo para lutar com o primeiro desafiante do ranking da AMB, Herol Graham. Hagler que continua sendo reconhecido pelo CMB e pela FIB, exporá seu título no dia 6 de abril ante Ray Sugar Leonard.

PRA QUEM PÔS FÉ

TAÍ O RESULTADO

S.P.F.C.

São Paulo, campeão em duas edições especiaisise Placar

PLACAR

Edição Especial do Campeonato. 28/2, sábado, nas bancas.

Revista-poster Já nas bancas

Sr. presidente, acorde!!

É SEDUTOR

Os planos para chegar ao Mundial, a saída de Pepe e o contrato de Careca.

Os planos do São Paulo são muitos para o futuro. Agora o clube vai disputar o Campeonato Paulista e paralelamente a Taça Libertadores da América. O grande objetivo — chamado de projeto Tóquio — é conquistar pela primeira vez a Copa Toyota, ou seja, o título de campeão mundial interclubes, disputado anualmente no Japão entre os clubes campeões da América e da Europa.

Careca quer ganhar Cz\$ 1 milhão por mês, entre luvas e ordenados, por um ano de contrato. Os dirigentes esperam mantê-lo no clube. Para tanto, o financiamento das luvas será pago pela indústria de brinquedos Estrela — que teria o retorno através de publicidade, pela qual Careca também receberia dinheiro pelo uso de sua imagem na televisão.

O jogador sabe que na Europa não iria encontrar locais como aqueles que possui para o seu lazer, como sítio em Jaguariúna e fazenda em Moji Mirim, onde pratica tiro ao alvo, pesca e sempre oferece churrasco aos amigos, e em princípio aceita a idéia. Mas ele precisa ainda ter uma conversa com os dirigentes, que vão propor a Careca algo inédito no futebol brasileiro. O São Paulo pretende assinar com um clube europeu, provavelmente o Nápoli, da Itália, um compromisso de prioridade para a contratação de Careca, em 1988. O clube interessado pagaria pela prioridade, com parte do dinheiro ficando para o jogador. E, no próximo ano, Careca jogaria na Europa, para onde seu passe seria negociado por US\$ 4 milhões.

Assim, o São Paulo manteria seu principal artilheiro para os campeonatos que disputará este ano. Já o técnico Pepe foi convidado para dirigir a Seleção Pré-Olimpica, caso Cilinho recuse. Ele assinaria, no início, um contrato de dois meses com a CBF. Além disso, tem um convite para voltar ao futebol árabe. Na verdade, dirigir uma Seleção Brasileira faz parte dos sonhos do técnico Pepe que, como jogador, foi o ponta que mais gols marcou no futebol mundial até hoje. Em 806 jogos pelo Santos, Seleção Brasileira e Federação Paulista de Futebol, ele marcou 442 gols.

As vezes a gente sonha com a Seleção, mesmo uma Olímpica e depois de vir para o São Paulo essa hipótese ficou mais viável e eu acho que realmente é uma boa e aceita com prazer. Eu me considero uma pessoa acostumada a ganhar títulos, com condições de ser técnico de uma Seleção Brasileira. Trabalho muito e não sou de blá, blá, blá. Assim fui campeão pelo Santos em 1973, no Torneio Incentivo pelo Paulista de Jundiaí em 1978, pelo São José no seletivo para a Taça de Bronze, pelo Atlético Mineiro em 1981, campeão de dois torneios do Rei no Qatar, pelo Fortaleza em 1985, e campeão em 1986 pelo Internacional de Limeira. Acho que já mostrei serviço, não é?

Existe também a possibilidade de Pepe voltar para o futebol árabe. De qualquer maneira, os dirigentes do São Paulo já pensam em um substituto para ele que tem contrato até o final do ano. O primeiro nome é o de Cilinho, caso ele resolva não ir para a Seleção Pré-Olimpica e também romper seu compromisso com o Ponte Preta. Se Cilinho não aceitar — ele já foi até convidado — o nome seguinte é o de Renê Simões, técnico da Portuguesa de Desportos, vindo depois dos nomes de Candinho, ex-técnico do Grêmio de Porto Alegre e até o de Carbone, atual técnico do Palmeiras.

Mas os planos não se resumem na contratação de um novo técnico, como também de reforços. Seus dirigentes não se decidiram pela permanência de Rômulo, cujo passe pertence ao Comercial de Ribeirão Preto e está fixado em Cz\$ 1 milhão. Daniel, lateral-esquerdo, com passe do América de São José do Rio Preto fixado em Cz\$ 1 milhão, será devolvido nos próximos dias; Pianelli irá por empréstimo durante o Campeonato Paulista para o América. Denys, lateral-esquerdo do Palmeiras, já acertou com o São Paulo as bases para o contrato de um ano. Ele deverá vir em troca de Márcio Araújo.

O São Paulo contrata reforços pensando nos destaques que terá na certeza da convocação de vários titulares para a disputa do torneio Pré-Olimpico, na excursão da Seleção Brasileira e Copa América. E também na disputa junto com o Campeonato Paulista, da Taça Libertadores da América. Mas as contratações chamadas "bombas" tentadas pela diretoria são a de Paulo Martins, volante que iniciou carreira no Atlético Mineiro, jogou no América e no Juventus de São Paulo, cujo passe pertence ao Bahia, e de Pinga, zagueiro do Internacional de Porto Alegre. A intenção dos dirigentes é apresentar esses jogadores depois do carnaval. Até agora foram apresentados Neto e Lê.

Tudo isso, porém, está sendo tratado pelos dirigentes do São Paulo em absoluto sigilo. Por enquanto eles só divulgam a excursão que o clube vai fazer a partir do dia 9 de março para no dia 12 o São Paulo participar do torneio quadrangular Marlboro Cup, jogando em Los Angeles contra o River Plate, da Argentina. Depois, dia 14, o São Paulo jogará contra o vencedor da Seleção dos Estados Unidos e Deportivo Cali, da Colômbia. Dia 15, o São Paulo jogará contra o Santos de Kingston, na Jamaica (nome dado em homenagem a Pelé); dia 18 jogará contra a Seleção de Trinidad e Tobago e no dia 19 voltará ao Brasil. Tudo por US\$ 130 mil.

Chico Dominguez

Uma decisão como nunca se viu!

Foi 3 a 3 — 1 a 1 nos 90 minutos e 2 a 2 na prorrogação. O Guarani ficou duas vezes na frente. O São Paulo, uma.



Nelsinho bate de esquerda. O São Paulo não esmoreceu nunca.

Os pênaltis
Na decisão por pênaltis, o Guarani começou errando. Marco Antônio chutou nas mãos de Gilmar. Ai, foi a vez de Careca, que também desperdiçou: São Paulo 0 a 0 Guarani. No terceiro pênalti, Tozini marcou e Dario Pereyra descontou, era o empate. E chegou a vez de João Paulo, um dos heróis do jogo, sua vontade foi muita, mas o chute saiu para fora. Rômulo, veio em seguida e não perdeu: São Paulo 2 a 1. Valdir Carioca revidou, era outro empate. A decisão estava no seu final e no quarto pênalti do São Paulo, Fonseca marcou: 3 a 2. faltava o artilheiro Evair, do Guarani: chute certo e 3 a 3. E o destino era mesmo para Vagner, que, com raiva, não perdeu: São Paulo 4 a 3. Campeão!



O zagueiro Fonseca avança. O desespero deu resultado.

Pepe, 52 anos. Foi sua melhor festa de aniversário.

Mas ele fez questão de dizer que o Guarani também merecia o título. "Só que o São Paulo teve mais cabeça."

Pepe não poderia ter comemorado mais seu aniversário — disse, tranqüilo, ao final do jogo, que foi o melhor dos últimos tempos. Um jogo digno para as duas equipes, para o futebol brasileiro, o futebol paulista, segundo sua própria definição. Agora, com 52 anos e no meio da festa do Tricolor, Pepe ainda tinha a calma necessária para explicar que o Guarani foi um adversário à altura de seu time campeão, que o Guarani também merecia o título. Apenas o São Paulo teve mais cabeça fria para a cobrança dos pênaltis.

Careca, que perdeu o pênalti cobrado mas salvou o São Paulo no último minuto da prorrogação, disse, depois do 2º gol, que o colocou como artilheiro do Campeonato Brasileiro, que até o último instante acreditava que ia dar São Paulo: "Tinha que ser comigo. Estou em um momento muito bom". E quem também acertou nas suas previsões foi o goleiro Gilmar, que garantiu, no final da prorrogação, que tinha sorte na defesa de penalidades. O goleiro do São Paulo observou que cada vez que estivesse sob a trave todo o time estaria unido para o título.

José Assis Aragão foi auxiliado por onze árbitros, que se colocaram à beira do gramado, por determinação da Cofra e já no intervalo do primeiro para o segundo tempo mostrava que estava tranqüilo e suficiente para apitar a final do Brasileiro: "Vai sair tudo certo. Vou apitar cantando". E, no meio da festa, Pedro Lopes, diretor de futebol da CBF, garantia que o técnico Cilinho participaria da reunião na entidade para confirmar seu cargo na Seleção Brasileira Pré-Olimpica, porque a proposta é "irreversível". E Careca, o artilheiro mais festejado do Brasileiro, disse que independente do resultado do jogo, todos sairiam com a cabeça erguida, pelo trabalho mostrado, já que a vitória seria apenas um detalhe do que havia sido feito.

Denise Mirás

A PM censurou o pó-de-arroz da torcida tricolor. Mas não seguiu a festa.

Os são-paulinos não puderam festejar o time com talco e farinha. O clima chegou a ficar tenso. Mas depois tudo acabou em carnaval.

O entusiasmo dos integrantes das várias torcidas uniformizadas do São Paulo — que foram a Campinas em uma caravana de 42 ônibus — foi substituído pela irritação assim que chegaram aos portões de entrada do estádio Brinco de Ouro. O material que haviam reunido para festejar a equipe, como sacos de uma mistura de talco e farinha, papel picado e mastros de bambus para bandeiras, teve que ser deixado do lado de fora por ordem dos policiais militares.

Os mastros de bambu, tudo bem. O que a gente não entende é proibirem talco e farinha, que são símbolos do São Paulo e não prejudicam ninguém — protestava Guimarães Lopes, um dos chefes da Tusp. Os torcedores são-paulinos não se conformavam com o que classificaram de discriminação. Segundo eles, os policiais não estavam agindo com o mesmo rigor com os torcedores do Guarani, o que foi contestado pela PM. A determinação de entrar com o material acabou gerando discussões com os policiais, deixando o clima tenso, até que os tricolores, resignados, resolveram abandonar a parafernália. Em protesto, acabaram jogando parte da farinha e do talco junto aos portões.

Esse incidente foi o único que perturbou o eficiente trabalho de policiamento antes da partida. O contingente de 360 homens do 8º Batalhão da Polícia Militar de Campinas foi reforçado por policiais da tropa de choque de São Paulo e dos destacamentos de cidades vizinhas como Jundiaí, Americana e Piracicaba, totalizando 761 soldados, um efetivo jamais deslocado para um jogo de futebol no interior do Estado. Indiferentes ao policiamento, entretanto, os cambistas aturam intensamente do lado de fora do estádio. A ação, aliás, correspondeu à importância do jogo: durante todo o dia eles se espalharam pelas ruas centrais da cidade, oferecendo ingressos até mesmo pelo triplo do preço real.

A certeza de fazer um bom dinheiro valia qualquer sacrifício. Paulo César Micher, por exemplo, viajou 300 km de Bebedouro até Campinas para vender 100 quilos de amendoim torrado. Ele contou que comprou o saco de 45 quilos a Cz\$ 10,00, direto do produtor, e iria alcançar um lucro de Cz\$ 2,5 mil, vendendo o quilo a Cz\$ 12,00. Dona Alice Sadowski, por sua vez, calculava vender 300 cachorros-quentes até o final da partida, quase o triplo do que consegue em outros jogos (ainda assim, reclamava da forte concorrência).

Paulo César Nascimento

Nos 15 anos da história do Campeonato Brasileiro, jamais houve uma decisão tão cheia de alternativas, emoções, técnicas e raça. Aconteceu de tudo na final de São Paulo e Guarani, ontem à noite, em Campinas. Coube ao futebol paulista presentear o País com esse espetáculo. Mas ao São Paulo a glória do título, o segundo de sua história. Ficou com a faixa na cobrança de pênaltis (4 a 3), depois de empatar o jogo em 1 a 1 no tempo normal e em 2 a 2 numa empolgante prorrogação. Desta vez, a sorte maior não ficou com o bravo Guarani, um digno vice-campeão que talvez nem se conforte em participar da Libertadores.

Aconteceu de tudo. E a glória acabou sendo do São Paulo.

1º Tempo
E a decisão começou mostrando que a sorte estava do lado do Guarani, fugindo inclusive ao que se espera de uma partida final, quando os gols demoram a acontecer. A um minuto e meio, o lateral-esquerdo Zé Mário passou por Fonseca e cruzou forte, rasteiro. Gilmar não interceptou e Nelsinho, mesmo sem o assédio de um adversário, tocou a bola para o fundo de seu próprio gol.

Este gol, cedido pelo São Paulo, naturalmente alterou todos os planos táticos previamente imaginados pelos técnicos Pepe e Gainete. E se o Guarani falava em ser muito mais ofensivo em sua casa, o que houve foi uma repetição do segundo tempo do primeiro jogo decisivo, no Morumbi. São Paulo no ataque, Guarani atrás.

Sugerindo uma digna final de um Campeonato Brasileiro — apesar de todos os obstáculos ao longo do torneio, tristes histórias de autoria de cartolas e seus tapetes —, logo aos oito minutos, o São Paulo chegou à igualdade. Pita cobrou com perfeição um escanteio pela esquerda. Bernardo, com impulso e boa estatura, ultrapassou os marcadores e cabeceou. O goleiro Sérgio Neri colocou-se para defender, mas foi traído por um desvio de cabeça do zagueiro Ricardo, que era pressionado por Silas. O juiz José de Assis Aragão confirmou: gol de Bernardo.

O empate empolgou o São Paulo, que passou a tomar conta do meio-campo e obrigou o adversário a se retrair. Pepe liberou os laterais Fonseca e Nelsinho para ajudar o ataque, principalmente pelo setor esquerdo. Sidnei, fugindo às suas características, recebeu a função de cair para o meio, abrindo espaços para o centroavante Careca e também Nelsinho.

2º Tempo
Nos dez minutos, Fonseca cruzou para a área e a defesa do Guarani permitiu que Careca cabeceasse, mas Sérgio Neri fez boa defesa. Outra chance são-paulina surgiu dois minutos depois: Careca dividiu de cabeça com Marco Antônio e ganhou o lance. A bola sobrou para Nelsinho bater cruzado, mas à esquerda do goleiro.

Aos poucos, o Guarani foi-se recompondo do susto do gol e das investidas do São Paulo. Com isso, as duas equipes passaram a se respeitar mais, embora o ataque são-paulino sempre ameaçasse mais o gol. Aos 33', Careca caiu pela direita, livrou-se do lateral e cruzou. Sidnei bateu de primeira, pela linha de fundo. E aos 43', a chance maior desde o gol de empate: Marco Antônio falhou na lateral, e pressionado por Nelsinho e Careca, perdeu a posse da bola; o centroavante cruzou para a área e a dupla de zaga não cortou. Müller chutou e acertou a trave direita do Guarani.

No segundo tempo, as duas equipes voltaram, demonstrando que não tinham intenção de levar o jogo à prorrogação, o que acabou acontecendo. Foi do São Paulo o primeiro ataque, logo aos 45 segundos, com Careca finalizando nas pernas do último zagueiro Ricardo. Depois, foi o Guarani que teve mais ímpeto e velocidade. Aos dois minutos, Catatau cobrou um escanteio da esquerda, Evair cabeceou e Gilmar fez uma defesa importantíssima, na trave esquerda.

Aos nove minutos, Catatau arriscou um chute de longa distância, forte, ao perceber o goleiro Gilmar adiantado. Mesmo mal colocado, Gilmar espalmou e a defesa livrou-o do perigo. Aos 11', Catatau e Evair tabelaram; o centroavante, pela direita, bateu rasteiro e Gilmar pegou de novo.

Quando o jogo alcançava os 28 minutos, um lance comprometeu o juiz José de Assis Aragão. Num contra-ataque, Marco Antônio Botadeiro invadiu a área pela esquerda. O zagueiro central Vagner acertou o pé de apoio do jogador, um pênalti claro não assinalado.

Aos 33 minutos, Pepe mudou a equipe: Sidnei deixou o campo cansado e Rômulo entrou em seu lugar. Nada mudou, pois a defesa do Guarani sustentou os avanços com regularidade e levou a decisão para a prorrogação.

Prorrogação
Mas as melhores emoções da partida estavam reservadas para os 30 minutos de prorrogação. Já no primeiro minuto, Rômulo passou por Sérgio Neri em velocidade e deixou Careca cruzar para o meio, onde Pita completou para o gol: 2 a 1.

O Guarani manteve-se frio e não se abalou. O técnico Gainete troca dois jogadores: saíram Tite e Catatau, entrando Vagner e Chiquinho. Exatamente no momento em que, aos seis minutos, João Paulo cobrou um escanteio pela direita, com efeito, no primeiro poste. Boiadeiro subiu de cabeça e marcou, sem chances para Gilmar: 2 a 2.

Aos dez minutos, o Guarani reclamou um pênalti duvidoso, que teria sido cometido por Fonseca em João Paulo. Pouco depois, Vagner foi expulso por zingar o juiz José de Assis Aragão. A partida ficou paralisada pouco mais de quatro minutos, e o tempo esgotado.

Mas o Brasil inteiro assistiria a novas emoções em mais 15 minutos incríveis. Mesmo com dez jogadores em campo, o Guarani virou o jogo. Marco Antônio faz um lançamento longo e o zagueiro Vagner, ao tentar dominar a bola, falhou e não fosse Careca, poria tudo a perder. João Paulo aproveitou o erro lamentável, entrou na corrida e na saída de Gilmar bateu firme: Guarani 3 a 2.

Tudo indicava que o título brasileiro já estava decidido. Muitos são-paulinos não viram Pita subir de cabeça para desviar uma bola lançada em desespero do campo de defesa. Ele estava na risca da grande área e conseguiu tocar para Careca, que caiu pela esquerda. O artilheiro do campeonato fez o seu 25º gol batendo forte, de primeira, no alto. E com toda a sua categoria, neste chute salvador e indefensável, levou para a sorte dos pênaltis a histórica decisão do Campeonato Brasileiro de 1986.

Arthur de Almeida
Guarani: Sérgio Neri, Marco Antônio, Ricardo, Valdir Carioca e Zé Mário; Tosin, Tite (Vagner) e Marco Antônio Botadeiro; Catatau (Chiquinho Carrioca), Evair e João Paulo. Técnico: Gainete. São Paulo: Gilmar, Fonseca, Vagner, Dario Pereyra e Nelsinho; Bernardo, Silas (Manu) e Pita; Müller, Careca e Sidnei (Rômulo). Técnico: Pepe. Juiz: José de Assis Aragão. Renda: Cz\$ 4.222.000,00. Público: 37.370 pagantes. Gols: Nelsinho (contra) a 1 minuto; Bernardo, aos oito minutos; Pita, a um minuto da prorrogação; Boiadeiro, aos 7 minutos; João Paulo, aos três do segundo tempo da prorrogação, e Careca, aos 13 minutos. Cartão amarelo: Zé Mário. Cartão vermelho: Vagner (Guarani). Local: Campinas, ontem à noite.

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO DO
SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE
2025



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ